

Noticiário internacional e a incompreensão do mundo

Jacques A. Wainberg*

Resumo

Este estudo avalia a qualidade da recepção do noticiário internacional por uma amostra de 170 porto-alegrenses. O *survey* está baseado nas formulações apresentadas na Taxonomia de Bloom et al. As evidências coletadas revelam que esta temática não só não é popular como representa um desafio cognitivo e afetivo para a maior parte das pessoas. Este fenômeno da impopularidade do noticiário internacional foi detectado no exterior também e representa no Brasil uma das causas flagrantes da posição marginal desta editoria na maior parte dos meios de comunicação.

Palavras-chave: noticiário internacional; recepção; jornalismo brasileiro; Taxonomia de Bloom.

Resumen

Este estudio evalúa la calidad de la recepción internacional de las noticias en una muestra de 170 de brasileños de Porto Alegre. Este *survey* esta basado en las formulaciones de la Taxonomía de Bloom et al. Los datos demuestran que este tema es no solamente impopular pero también representa un desafío cognoscitivo y emocional para la mayoría de los respondedores. Tal fenómeno de la impopularidad fue encontrado también en muchas otras partes del mundo. Pero en el Brasil ayuda a explicar porqué esta sección es tan marginal en los medios en general.

Palabras-clave: noticiario internacional; recepción; periodismo brasileño; Taxonomía de Bloom.

* Professor de Jornalismo e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. É pesquisador do CNPq. É autor dos livros *Império de Palavras* (Edipucrs, 1997); *Casa Grande e Senzala com Antena Parabólica* (Edipucrs, 2001); *Turismo e Comunicação: a Indústria da Diferença* (Contexto, 2003); *Mídia e Terror* (no prelo, Ed. Paulus, 2005). E-mail: jacqalwa@pucrs.br

Abstract

This study aims to reveal the quality of international news reception by a 170 sample of Brazilians from Porto Alegre. This survey took in account Bloom et al. Taxonomy directives. The data show that this theme is not only unpopular but also represents a cognitive and emotional challenge for most of the respondents. Such phenomenon of unpopularity was found as well in many other parts of the world. But in Brazil it helps to explain why this section is so marginal in newsrooms as a whole.

Keywords: international news; reception; Brazilian journalism; Taxonomy of Bloom.

O jornalismo tem sido descrito como uma forma de conhecimento (Park, 1940; Genro, 1986; Meditsch, 1998,1992). Em apoio a tal visão corre o argumento de que o jornalista é capaz de capturar na reportagem as ocorrências do mundo, em especial aquelas que apresentam alguma dose relevante de risco para as comunidades (Waisbord, 2002). A vasta literatura existente sobre o tema trata de revelar também as limitações deste esforço de monitoramento dos acontecimentos, como o inevitável grau de subjetividade dos discursos e os constrangimentos políticos, econômicos, culturais e ideológicos que cercam este labor.

Ou seja, torna-se visível nesta literatura o processamento cognitivo e emocional que os jornalistas fazem dos acontecimentos (por isso mesmo são considerados observadores privilegiados da história). Já a imagem produzida na mente dos leitores, telespectadores e ouvintes por tais narrativas é objeto de interesse de uma variedade igualmente diversa de disciplinas. Elas abordam este tema por meio de diferentes perspectivas. Por exemplo, autores como Curran (1990) advogam a idéia de que é falsa a premissa de que as mensagens em geral são obras abertas, disponíveis a interpretações dissonantes, variadas e até mesmo aberrantes por parte das audiências (Fiske, 1986).

É esta polêmica sobre a polissemia da recepção que nos interessa avaliar neste estudo sobre o conhecimento produzido pelo público brasileiro do noticiário internacional veiculado na mídia do país. Cabe assinalar que o uso não trivial do termo 'recepção' deve restringir o

conceito ao processamento mental da informação pelos indivíduos. Em outras palavras, nesta visão quem produz conhecimento é, em última instância, sempre o público. Acompanha-se aqui a máxima de Bloom et al. (1972) de que o conhecimento é fruto do grau de 'interiorização' da informação por uma pessoa. Dito metaforicamente, trata-se de transformar comida *crua* em *cozida* (Burke, 2004).

Vislumbre do argumento da existência de certo grau de autonomia do fenômeno da recepção surge quando se divulga com certo alarme as evidências das dificuldades do público em interpretar textos. Por exemplo, dados de 2004 mostram que o Brasil possuía 16 milhões de analfabetos com mais de 15 anos (9% da população). Apenas 26% da população com mais de 15 anos tinha domínio pleno das habilidades da leitura e da escrita. E somente um em cada quatro jovens e adultos tinha condições cognitivas para compreender totalmente um texto e relacioná-lo com outras informações. Dados do Ministério da Educação e Cultura (MEC) divulgados em junho de 2004 mostram que, dos alunos que freqüentavam a 4ª série do ensino fundamental, 55% apresentavam níveis críticos ou muito críticos de competência em leitura. Estes alunos são capazes de ler somente textos simples e curtos. Os posicionados no nível intermediário totalizaram 39,7%. Estes estão começando a desenvolver habilidades de leitura, mas ainda estão abaixo do exigido para a 4ª série. Somente 4,8% podem ser considerados leitores competentes, pois conseguem fazer uma relação de causa e consequência em textos narrativos mais longos e distinguem tiradas de humor mais sutis.

Outro indicador desta dificuldade humana geral do processamento de textos é a queda persistente em todo o mundo do número de leitores de jornais, especialmente entre os jovens¹. No Brasil observou-se queda similar de circulação de jornais em 2001 (2,7 %), 2002 (9,10%) e 2003 (7,2), chegando neste último ano, segundo a Associação Nacional de Jornais (ANJ), a uma média nacional de circulação diária de 6.470.000 exemplares. O país ocupava a 55ª posição no mundo. Ou seja, tinha 52,3 cópias por mil habitantes adultos (bem atrás da Islândia, a primeira colocada com 705,9 exemplares por mil habitantes). Em 2000, segundo a Associação Mundial de Jornais, esta circulação média diária era maior alcançando a marca de 60,6 cópias por mil habitantes.

Sob o ponto de vista desta indústria, o desafio a ser enfrentado no Brasil é, em primeiro lugar, o de educar esta massa populacional jovem e a população ampla de baixa renda ao hábito de leitura de jornais. Em segundo, o de qualificar este hábito (disso depende em boa medida a ampliação no número de leitores do noticiário internacional). A missão, no entanto, é difícil. As evidências revelam que entre os novos leitores há clara preferência por conteúdos que demandam, em geral, pouco processamento cognitivo. Em grande medida são os jornais populares os responsáveis pelo estancamento na queda da circulação destes periódicos no País. Este gênero de jornalismo (que mescla em doses variadas o noticiário sintético, grafismo saliente, pauta paroquial, lazer e entretenimento e algum sensacionalismo) conseguiu atrair uma ampla massa de leitores de classe de renda mais baixa que antes não cultivava o hábito da leitura de diários. E neste tipo de imprensa o noticiário internacional não é, certamente, produto de primeira necessidade.

No que se refere à produção de sentido do noticiário internacional pelo público brasileiro as dificuldades persistem. Há um sério obstáculo cognitivo e afetivo que bloqueia a recepção ativa e significativa deste conteúdo pela audiência. Este tipo de seção demanda um arquivo de memória de longo prazo mais amplo e conexões mentais rápidas entre informações variadas. Por isso mesmo, jornalistas podem falar e não serem ouvidos; podem dizer, afirmar, explicar e dar exemplos e não serem compreendidos. Jornais podem ser publicados, lidos e fazerem pouco sentido. As notícias de um telejornal podem ser narradas e ilustradas e não serem entendidas.

Ou seja, no caso brasileiro, além do noticiário internacional, ciência, política e economia seriam também exemplos adicionais de conteúdos de elite. Isso significa dizer que a compreensão dos mesmos demandaria certo pré-requisito cognitivo e afetivo por parte das audiências, certa iniciação temática produzida na educação formal, certa disposição à descoberta e investigação e certa arquitetura cognitiva que permitisse aos indivíduos fazerem sentido dos fatos novos emergentes.

O que se observa é que a compreensão dos fatos cotidianos permanece sendo um desafio para as pessoas. Este desafio certamente será ainda maior quando o nível médio de informação arquivado na memória pelos cidadãos de certa comunidade for baixo. Nestas condições de

carência grave, a sombra cognitiva perdura, tornando-se eventualmente crescente, o que pode inviabilizar a compreensão mínima das ocorrências, especialmente as internacionais.

Objeto

Neste estudo desejamos verificar e avaliar a natureza da 'sombra cognitiva e afetiva' do público brasileiro em relação ao mundo distante. Dito de outra forma: deseja-se estudar a qualidade da recepção do noticiário internacional por esta audiência selecionada. Ao longo do tempo, a existência de tal *sombra* tem sido verificada também em diferentes países. Foi assinalada, por exemplo, nos Estados Unidos por Erskine (1963) e Patchen (1964). Este último mostrou que após dois anos de conflito aberto no Vietnã envolvendo tropas daquele país, 25% dos respondentes disseram que nunca tinham ouvido falar do assunto. Outros 28% afirmaram que não sabiam que o governo da China era comunista e 29% não sabia da existência de uma segunda China (Taiwan). Somente 54% tinham ouvido falar de Mao Tse Tung. Surgiria e amadureceria na literatura sobre a recepção do noticiário internacional a categoria dos que "nada-sabem" (*know-nothing*). No outro extremo foi identificado o grupo de elite, "os-que-sabem-muito" (Patchen, 1964; Robinson, 1967; Free e Cantril, 1967).

Monitorar este mesmo fenômeno no Brasil significaria avaliar não só a existência de tipos distintos de receptores como também a capacidade dos mesmos em produzir sentido e significado dos eventos internacionais. Eventual constatação de dificuldades cognitivas e afetivas pelos brasileiros no processamento das notícias do mundo distante permitiria que se demandasse uma ação educativa de amplo espectro visando melhorar a qualidade da leitura e compreensão destes conteúdos.

Problemas

Decorre das características do consumo brasileiro do noticiário internacional a natureza pouco pretensiosa de sua oferta pela maior parte da imprensa do País. A mídia brasileira tende a replicar simplesmente o noticiário das agências internacionais investindo pouco na produção

deste conteúdo, mesmo em situações de crises internacionais extremas. Tal descaso, embora indesejável é compreensível. É lamentável porque a missão do jornalismo é ser uma janela para o mundo. E é compreensível, como afirmado, porque o trato da temática internacional por atores nacionais limita-se em grande medida aos interesses comerciais e financeiros do País e aos obstáculos que este enfrenta na promoção do seu desenvolvimento. Embora tal agenda internacional não seja uma anomalia e caracterize a ação diplomática da maior parte das nações, o caso brasileiro revela certa pretensão que vai além desse jogo de cena usual. No fundo, há sempre o sonho do Brasil potência, da auto-imagem de nação líder do hemisfério e de uma relação multilateral que expressa o seu desejo geopolítico de ocupar posição de destaque na ONU e ser respeitado internacionalmente por suas especiais condições de país continental, com amplo mercado consumidor interno e sofisticada rede produtiva de bens e serviços.

Tal 'cegueira' a certos conteúdos estratégicos que por sua relevância afetam a cidadania merece por isso mesmo ser avaliada. Cabe indagar sobre o que os brasileiros fazem com o noticiário internacional que lhes chega diariamente aos sentidos? Que nível cognitivo é acionado na recepção de tais conteúdos? E que tipologia de públicos emerge desta avaliação da audiência?

Metodologia

Questionário foi montado tomando por base as diretrizes de Bloom et al.. Avalia-se no mesmo as dimensões cognitiva e afetiva do pensamento. No primeiro caso, foram formulados quesitos que habilitam monitorar o nível de conhecimento dos indivíduos, assim como suas habilidades de compreensão, aplicação, análise, síntese e avaliação da ampla temática do noticiário internacional. Na dimensão afetiva, são avaliadas as seguintes habilidades: atenção, resposta, valorização, organização e estruturação de escala de valores. Uma amostra de 170 sujeitos foi selecionada aleatoriamente na cidade de Porto Alegre em ambientes de grande fluxo (feiras, centros comerciais, avenidas, bares e cafés) no período de março a novembro de 2004. Os dados conclusivos são apresentados em percentuais.

Conclusão

No que se refere à *dimensão cognitiva*, os dados coletados nas entrevistas permitem-nos afirmar os seguintes resultados:

1. Nível do conhecimento

Terminologia especializada: 2% da amostra mostraram bom nível de domínio da terminologia especializada. Portanto, 98% dos respondentes não têm intimidade mínima com esta linguagem especializada do noticiário internacional.

Conhecimento dos fatos correntes: 38% souberam identificar a causa política da crise do petróleo dos anos 70 (conhecimento de fato específico relevante); 88% apresentaram familiaridade com convenções utilizadas nas relações internacionais; 49% reconheceram corretamente o posicionamento do governo brasileiro nas duas guerras do Golfo; 51% fizeram uso adequado das classificações existentes das nações do mundo (conhecimento de classificações e categorias); 25% souberam fazer uso de classificação pertinente às formulações teóricas das relações internacionais (conhecimento de Universais e Abstrações num Determinado Campo). Portanto, em 62% dos casos predominou desconhecimento de fatos correntes recentes e relevantes. As instituições internacionais são conhecidas de uma forma geral pelas pessoas. Praticamente a metade não monitorou de forma adequada o posicionamento brasileiro nos dois conflitos internacionais no Golfo. Da mesma forma, uma metade não soube fazer uso das classificações correntes das nações do mundo (desenvolvido, subdesenvolvido, por exemplo). A grande maioria (75%) não soube dizer que o mundo hoje é unipolar (preponderância do poder americano).

2. Nível de compreensão

Um total de 45% entendeu adequadamente que Guerra de Civilizações é um rótulo que remete a um conflito entre religiões e culturas. Portanto, 55% foram incapazes de transladar, ou seja, decodificar este con-

ceito abstrato o que revela falta de intimidade da maioria com este debate contemporâneo e corrente sobre o alegado embate do Ocidente com o Oriente.

Dos pesquisados, 41% afirmaram corretamente que já está ocorrendo cooperação militar entre os países do Ocidente com os do Oriente após 11 de setembro no combate ao terrorismo dos seguidores de Osama bin Laden. Portanto, 59% não souberam extrapolar, ou seja, ir além da interpretação das partes do comunicado, compreendendo a relação das mesmas, relacionando-as com seu repertório de conhecimento arquivado para inferir conclusões.

3. Capacidade para aplicar

Ao todo, 68% dos respondentes identificaram o terrorismo como algo similar à disputa dos bandos pelo controle do mercado de droga no Brasil. Portanto, embora a maioria consiga compreender o terrorismo internacional relacionando-o com o fenômeno da luta dos bandos de narcotraficantes no Brasil, 32% preferiram outras opções (destaca-se a luta pela reforma agrária com 30% das preferências).

4. Análise

Um total de 47% dos sujeitos revelou habilidade para reconhecer os fatos expressos claramente no texto. Já a capacidade para corresponder uma parte do comunicado com outra foi bem realizada por 18%. A capacidade para inferir mensagem implícita no noticiário foi levada a cabo de forma adequada por 74% dos sujeitos. Portanto, a maioria, ou 53% da amostra, não conseguiu interpretar adequadamente o texto. Dificuldade maior foi a incapacidade de 82% dos sujeitos em realizar relações. Outros 26% não conseguiram implicar significados não explícitos na mensagem.

5. Síntese

A síntese foi realizada de forma adequada por 33% do público. Já a capacidade para encontrar similitudes e formular conceitos foi feita ade-

quadamente por 23% dos sujeitos. Portanto, os dados revelam o grau de dificuldade das pessoas em sintetizarem. A maioria, 67% não conseguiu realizar a tarefa de produzir uma comunicação singular. Outros 77% não conseguiram derivar de um conjunto de fenômenos similares uma classificação.

No que se refere à *dimensão afetiva* podemos concluir o que segue:

I. Acolhimento/atenção: popularidade da temática internacional

Preferência: Notícias do Mundo está posicionada em penúltimo lugar na preferência dos consultados. Somente 18% gostariam de ter mais informação sobre o tema na imprensa. Perde para Política Nacional (25%), Economia (24%) e Crime e Polícia (21%). Ganha somente de Cultura, Esporte, Ciência e Curiosidades (7%). Estes dados foram confirmados com pergunta adicional sobre o interesse pessoal do entrevistado sobre conteúdos apresentados na mídia. Notícias do Mundo apareceu novamente com 18% das preferências, ou seja, na penúltima posição e na mesma ordem de preferências.

Percepção: A temática internacional revelou-se urgente para somente 1% do público consultado. Para eles, há uma infinidade de outros tópicos prioritários à frente dos dilemas internacionais. Ao se avaliar a disposição do público para receber tais conteúdos percebe-se que somente 10% do mesmo mostrou tolerância (estar inclinado a, estar sensível, disposto para) a este tipo de estímulo e disposição para dedicar-lhe a sua atenção. Quando submetidos à situação de ter que diferenciar estímulos consciente ou semi-conscientemente (atenção controlada ou seletiva), 37% dos consultados escolheram temas contemporâneos (a maioria, ou seja, o restante, escolheu arte, cultura e ficção).

Portanto, a temática internacional é impopular já que 82% das pessoas consultadas escolheram outros conteúdos jornalísticos como os preferidos. Da mesma forma, 99% do público consideram outros temas mais urgentes e 90% não revelaram interesse em informar-se mais sobre os assuntos do mundo. Outra evidência, a de que 63% do público não escolheram temas contemporâneos para aprofundar seus conhecimentos, revela o desinteresse do mesmo por eventos mundiais correntes.

2. Resposta

No que se refere a habilidade específica 'Disposição para Responder' (a atividade do indivíduo é voluntária, sem temor à punição), 17% escolheram dedicar seu tempo livre (impulso interno) à atividade relacionada à temática internacional. Portanto, a maioria (83%) dedica seu tempo livre para objetivos distintos entre os quais não está a curiosidade pela temática internacional.

3. Valorização

Somente 2% dos sujeitos mostraram atitude de valorização do temário internacional. Portanto, 98% do público apresentaram atitude que não valoriza o temário internacional. No que se refere ao cometimento (o indivíduo tem alto grau de certeza sobre o valor, tem convicção) observa-se que outros assuntos parecem mais urgentes ao público. No caso, temas como a influência nociva da televisão na audiência e a educação dos filhos e as drogas superaram até mesmo o interesse pela guerra no Iraque. O hábito de leitura dos jovens é para os respondentes assunto mais urgente que a presença das tropas brasileiras no Haiti.

4. Organização

Os respondentes afirmam ter uma visão de mundo não-paroquial. 88% dos respondentes expressam opinião que revela sensibilidade com os problemas do mundo. No entanto, somente 2% priorizam este tema como um dos seus três mais importantes interesses. Portanto, há uma visível diferença entre uma manifesta filosofia de vida (não paroquial) e as verdadeiras prioridades afetivas deste público.

5. Caracterização por um valor ou complexo de valores

Ao analisarmos empiricamente a direção generalizada dos indivíduos (atitudes que determinam certo comportamento; é a orientação básica de um indivíduo que o torna aos olhos de um observador externo um ser previsível) tem-se que 40% dos respondentes revelaram prontidão para analisar e opinar sobre temário com ênfase nos problemas inter-

nacionais muito embora somente 2% classifiquem esta temática como uma das três mais relevantes para si. Portanto, a maioria (60%) prefere temas distintos que os pertencentes ao noticiário internacional para refletir, fazer julgamento de valor e opinar publicamente e 98% escolheram outras prioridades como as mais relevantes para si.

Discussão e limites: do otimismo ao pessimismo

Resumo das evidências

Dimensão Cognitiva		
Conhecimento	Não	Sim
Terminologia especializada	98%	2%
Conhecimento de fato corrente	62%	38%
Conhecimento de convenções	12%	88%
Conhecimento de tendências e seqüências ao longo do tempo	51%	49%
Conhecimento de classificações e categorias	49%	51%
Uso de abstrações e universais do campo	75%	25%
Compreensão	Não	Sim
Tradução	55%	45%
Extrapolar	59%	41%
Aplicação	Não	Sim
Aplicação de ensinamento obtido na observação de um fenômeno	32%	68%
Análise	Não	Sim
Reconhecimento de fato expresso claramente no texto	53%	47%
Correlação de uma parte da comunicação com outra	82%	18%
Síntese	Não	Sim
Produção de comunicação singular	67%	33%
Observação de similitude e formulação de conceito	77%	23%

Dimensão Afetiva		
Acolhimento (Atenção)	Não	Sim
Preferência pela temática internacional	82%	18%
Percepção (sensibilidade a situações internacionais que são urgentes)	99%	1%
Disposição para receber este tipo de estímulo	90%	10%
Atenção controlada ou seletiva de forma consciente ou inconsciente conteúdos relativos ao mundo em geral	87%	37%
Resposta	Não	Sim
Disposição para responder voluntariamente, ou seja, presta atenção ativamente, revelando que está fazendo algo com o estímulo	87%	17%
Valorização	Não	Sim
O estímulo tem valor e é internalizado. Por ser estável, este comportamento inclui as categorias crença (aceita um valor) e atitude (compromete-se com a crença). Ambos são a matéria prima da consciência que controla o comportamento	98%*	2%
Organização	Paroquial	Cosmopolita
Comparação de valores (Confrontados com duas visões de mundo)	88%	12%
Seleção de valores	98%	2%

*Em outra formulação, observou-se que este valor capturou o imaginário de uma minoria - 8% interessaram-se pelo tema dos brasileiros no Haiti e outros 17% pela Guerra no Iraque

Como se observa, o mundo que está próximo dos lares e disponível aos sentidos está sendo recusado por estas pessoas.

Aparentemente, entender este noticiário sobre povos, realidades e ocorrências longínquas tem-se revelado missão difícil que demanda um gasto de energia que um percentual significativo dos indivíduos não

deseja despende porque na verdade não consegue realizar. Há bloqueios cognitivos e afetivos evidentes. Por isso mesmo, 'as ocorrências do mundo' não freqüentam nem a intimidade das conversações nem dos rotineiros hábitos de monitoramento que usualmente as pessoas fazem do ambiente. Quando tais eventos internacionais são observados, o são de forma superficial e efêmera. O olhar deste público sobre os fatos do mundo é distante, mais curioso que interessado. A informação internacional logo perece. Não há sobrevida na memória. Some. O arquivo da mente é reservado para material de outra natureza. Resulta que quando acionado por uma urgência qualquer (um ataque terrorista, escassez de petróleo, envio de tropas brasileiras a conflitos no exterior), este acesso automático ao banco de dados cerebral torna-se difícil, quando não impossível. Há uma pane. Portanto, predomina uma abordagem à temática mundial que se poderia qualificar de amadora, pouco especializada. Trabalha-se nestas circunstâncias de olhar apressado sempre com o senso comum. O espírito crítico fica abalado, em muitos casos, inviabilizado.

A *matriz* revela que não são poucos os obstáculos ao processamento cognitivo apresentados pelo público brasileiro ao noticiário internacional. Ocorrem dificuldades salientes nos níveis do *conhecimento*, da *compreensão*, *análise*, *interpretação* e *síntese* deste noticiário. A exceção documentada é a etapa da *aplicação* na qual a maior parte deste público comparou de forma adequada eventos além de fronteiras com ocorrências nacionais. Isso foi possível porque há fenômeno similar *made in Brazil*, como é o caso presente das lutas de gangues de narcotraficantes e o medo nacional à violência urbana. Tal experiência habilita os cidadãos do país a entenderem, por analogia, o temor ao terrorismo que outros sentem e vivem em distantes paragens.

Há ainda e igualmente uma recusa afetiva. O grau de acolhimento deste conteúdo pelo público é baixíssimo assim como a resposta dos indivíduos ao mesmo e sua valorização. Os resultados são consistentes. As pessoas revelam-se de uma forma geral indisponíveis ao noticiário internacional.

Nota

1. Eles continuam a ler uma variedade de materiais, mas menos jornais.

Referências

- BERENGER, Ralph D. (Ed.). *Global media go to war*. Marquette Books. 2004.
- BLOOM, Benjamin S. et al. *Taxionomia de objetivos educacionais*. 2v. Globo. 1972.
- BROSIUS, Hans-Bernd. *Format effects on comprehension of television news*. Paper. Broadcast Education Association Conference. Atlanta. March 1999.
- BURKE, Peter; BRIGGS, Asa. *Uma história social da mídia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- COSTA, J.C. *A teoria da conectividade não-trivial*. 2002. No prelo.
- CULBERTSON, Evans et al. *Media use, attention to media and agenda richness*. *Newspaper Research Journal*, v.15, n.1, p.14.
- CURRAN, James. *The new revisionism in mass communication research: a reappraisal*. In: BLUMLER, J.G. et al. (Eds.). *European Journal of Communication*. London: Sage, v.5, n.2, 1990, p. 145-151.
- DIETRAM A. Scheufele. *Framing as a Theory of Media Effects*. *Journal of Communications*. Winter 1999. p.103-122.
- EL-NAWAWY, M.; ISKANDAR, A. *Al-Jazeera*. Cambridge: Westview Press, 2002.
- ERSKINE, H.G. *The polls: exposure to international information*. *Public Opinion Quarterly*, n. 27, 1963, p. 658-662.
- FISKE, J. *Television: polissemey and popularity*. *Critical studies in Mass Communication*. v. 3, 1986, p.391-408.
- FREE, L.A.; CANTRIL, H. *The political beliefs of Americans: a study of public opinion*. New Brunswick (NJ): Rutgers University Press, 1967.
- GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Tchê, 1986.

GUARESCHI, Pedrinho; BIZ, Osvaldo. *Diário Gaúcho: que discurso, que responsabilidade social?* Porto Alegre: Evangraff, 2003.

GRICE, H.P. *Studies in the way of words*. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

HALL, Edward. *Beyond culture*. Garden City (NY): Doubleday & Company, 1976.

HOBBS, Renne; FROST, Richard H. Measuring the acquisition of media-literacy skills. *Reading Research Quarterly*. Sept. 2003, v. 38, n. 3; p. 330.

KEOHANE, Robert O; NYE Jr., Joseph S. Power and interdependence in the Information Age. *Foreign Affairs*. v. 77, Sept./Oct. 1998, n. 5, p.81.

KIM, Joochan; WYATT, Robert; KATZ, Elihu. News talk, opinion, participation; the part played by conversation in deliberative democracy, *Political Communication*. n. 16, v. 4, p. 361-386, 1999.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo como forma de conhecimento. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo: Intercom, v. 21, n. 1, jan./jun 1998, p. 25-38.

_____. *O conhecimento do jornalismo*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1992.

NANNEY, Robert. Do community editors lead or follow their audiences? A co-orientational study of small daily gatekeepers. Their audiences and newspaper content. Tese de Ph.D. Ohio University, 1993.

NOSSEK, Hillel. Our news and their news. *Journalism*. Sage. v. 5, n. 3, p. 343-368.

OSKAMP, Stuart. *Attitudes and opinions*. Prentice-Hall, Inc. 1977.

PARK, R. A notícia como conhecimento: um capítulo da sociologia do conhecimento. In: STEINBERG, C. *Meios de comunicação de massa*. São Paulo: Cultrix, 1970.

PATCHEN, M. *The American public's view of U.S. policy toward China*. New York: Council on Foreign Relations, 1964.

POSNER, Michael I. (Ed). *Foundations of cognitive science*. Cambridge: MIT Press, 1993.

QUIROZ, Tereza. Informação, conhecimento e entretenimento. *Revista Libero*, a. 6. n. 12, 2003.

ROBINSON, J.P. *Public information about world affairs*. Ann Arbor: Survey Research Center, 1967.

RUMELHART, David E. The architecture of mind: a connectionist approach. In: POSTER, Michael I. (Ed.). *Foundations of cognitive science*. Cambridge: MIT Press, 1993.

RUSICANO, F. Media perspectives on world opinion during the Kuwaiti crisis. In: *The media and the Persian Gulf War*, p. 71-89. Westport (CT): Praeger.

SCHOENBACH, Klaus; LAUF, Edmundo; MCLEOND, Jack; SCHEUFELE, Dietram A. Research note: distinction and integration - sociodemographic determinants of newspaper reading in the USA and Germany: 1974-96. *European Journal of Communication*. Sage. 1999. v. 14, n. 2, p. 225-239.

SILVEIRA, J. *Teoria da Relevância: uma resposta pragmático-cognitiva à comunicação inferencial humana*. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Letras, Porto Alegre, 1997.

SPERBER, D.; WILSON, D. *Relevance: communication and cognition*. 2. ed. Cambridge: Harvard University Press, 1995.

STEPHENS, Lowndes F. The influence of community attachment on newspaper content. *Newspaper Research Journal*, n. 3, Oct. 1981, p. 74-93.

SOTERO, Paulo. *Imprensa, defesa nacional na era da democracia: o desafio de uma relação ainda por construir no Brasil*. Center for Hemispheric Defense Studies, Redes 2001, Research and Education in Defense and Security Studies, 22-25 maio 2001, Washington (DC) - Panel on Military-Media Relations.

TOLLEY, S. The abyss that is destroying daily newspaper reading, *Preview*, Newspaper Association of America. Disponível em: <<http://208.49.239.78/preview.cfm?AID=IS93>>.

TRAQUINA, Nelson (Org). *Jornalismo: questões, teorias e histórias*. *Revista Comunicação e Linguagens*. Lisboa: Vega, 1993.

_____. *Jornalismo 2000*. *Revista Comunicação e Linguagens*. Lisboa, Vega, 2000.

VARGAS, Flavio. A comunicação via implicaturas conversacionais particularizadas no diálogo: uma ilustração através do seriado norte americano Friends. Dissertação (Mestrado em Comunicação), PUCRS, 2004.

WAISBORD, Silvio. Journalism, risk, and patriotism. In: ZELIZER, Barbie; ALLAN Stuart. *Journalism after September 11*. London: Routledge, 2002.

WEAVER, David H.; MAURO, John B.. Newspaper readership patterns, *Journalism Quarterly*, n. 55, spring 1978, p. 85-91.

WYATT, Robert; KIM, Joochan; KATZ, Elihu. Building the spheres: political and personal conversation and private spaces, *Journal of Communication*, n. 50, v. 1, p. 71-92, 2000.